

A MENOR POÉTICA DA NATUREZA: ENTRE DELEUZE E BERNARDO DA MATA

Maria dos Remédios de Brito¹

Resumo: O presente ensaio é inspirado pelo pensamento da diferença, articulando perspectivas da filosofia de Deleuze e a poética de Manoel de Barros a partir do personagem poético de Bernardo da Mata. O que pode uma poética da natureza? Uma menor poética da natureza não tem pretensão de ser pragmática, mas antes alargar outros modos de vida e de existência e com isso proliferar mundos, terras e naturezas.

Palavras-chave: Diferença; menor poética da natureza; Bernardo da Mata.

Resumen: El presente ensayo es inspirado por el pensamiento de la diferencia, articulando perspectivas de la filosofía de Deleuze y la poética de Manoel de Barros a partir del personaje poético de Bernardo da Mata. ¿Qué puede una poética de la naturaleza? Una menor poética de la naturaleza no tiene pretensión de ser pragmática, sino más bien ampliar otros modos de vida y de existencia y con ello proliferar mundos, tierras y naturalezas.

Palabras clave: Diferencia; menor poética de la naturaleza; Bernardo da Mata.

O essencial é saber ver, Saber ver sem estar a pensar, Saber ver quando se vê, E nem pensar quando se vê, nem ver quando se pensa. Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!), Isso exige um estudo profundo, Uma aprendizagem de desaprender.

(Fernando Pessoa)

I

Deleuze e Manoel de Barros nos ensinam a desaprender, desfazer as formas, o juízo, os dogmatismos, e com isso liberam o pensamento, a criação, e deixam que o corpo e a mente vaguem por entre mundos e terras, pois não se pode construir modos de vida e de existência quando tudo está interpretado e enclausurado. Aprender é um caso de devir, também é um caso singular, não se aprende controlado, vigiado, amarrado, pelas analogias, pelas semelhanças, porque aprender é experimentar fora do previsto, do antecipado, do dado e do pré-determinado. Aprender é uma velocidade, um movimento... O que importa não está no início e nem no fim, mas no meio.

II

Passar um no outro, seria um devir... Devir não é imitar, não é combinar, mas tornar algo indiscernível, impelir uma diferença, soar um grito, passar *entre*, tornar infinitamente pequeno. Por isso, neste ensaio passa um procurar, mas do que um saber, no entendimento de que passar

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Pará; Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP; Pós-doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP; Professora da Universidade Federal do Pará/Instituto de Educação Matemática e Científica. E-mail: mrdbrito@hotmail.com.

é forjar um encontro, tal encontro pode vir de todos os lugares, o que importa é a violência que atravessa o corpo e os atritos que com ela podem emergir.

III

Deleuze toma a filosofia como criadora de conceitos, daí sua importância dada ao pensamento e seus modos de produção. Sua filosofia estabelece relações com a imanência, primando por uma experiência que vise às singularidades, os fragmentos, os restos, às menoridades. Há toda uma recusa aos universais, às generalidades e a tudo que não atinge os afetos, as sensações. Trata-se de um pensamento que é mobilizado por uma ideia de multiplicidades, sendo assim, está aberto ao presente contínuo de movimentações.

A Terra é povoada por um formigamento que grita pela diferença, e seu espaço é posto pelo detalhe, pelo singular, pelo disperso e pelas variações, tendo o tempo como não linear. Dessa forma, o pensamento de Deleuze não é separado do corpo com suas ligações vitais, do mesmo modo que a terra nada é senão pedaços, lacunas, mundos cortados, golpe de vista, perspectiva acontecimental. O que temos são porções do mundo, pedaços sumários, e com eles podemos experimentar...

IV

Não há preocupação em pensar o que é a Terra, o que é o mundo, o que é a natureza. Não há designação, mas campos de existências. A Terra é pura mudança, toda tentativa de dizer o que é, fracassa. Criar se faz na relação entre o território e a Terra, e ela não cessa de operar movimentos de desterritorialização pelo qual força qualquer território a deslizar, todos os elementos estão reunidos em um só abraço...

V

Ora, o que Deleuze convoca, assim como Manoel de Barros, é que se pense a Terra em deslizamento, fazendo movimentos aberrantes, que entre na ínfima natureza, nas menores experimentações da vida. A natureza sendo multiplicidades, e com essa frequência seria possível sentir todos os sons, todas as cores, todos os traços e todas as linhas se multiplicando para todos os lados. A natureza, para Manoel de Barros, se faz pelos menores processos poéticos inventivos; ele despoja o mundo dos protocolos científicos, pragmáticos, utilitários, cientificistas, e fala com a voz da desutilidade e mostra para o seu leitor que é possível habitar a Terra, a vida a partir de diferentes perspectivas.

VI



Nome: Bernardo da Mata: Imagem criada por Maria dos Remédios de Brito

Bernardo da Mata é esse personagem que se aproxima da terra, da natureza para ampliar seus sentidos. Então, ele junta nos bolsos formigas, gravetos, pedrinhas. Ele é o recolhedor do nada e tenta prender o silêncio em vidrinhos de guardar borboletas. Tenta parar o silêncio das águas que escorrem nas rochas com uma peneira. Palavras, hábitos, gestos menores, vêm como um elogio à Terra, à natureza e à vida como um todo. Bernardo busca preservar uma estranha poética da natureza e, assim, se vale da gramática das rãs: conta segredos para as formigas, ri com as moscas, conversa com os moluscos, fica alegre com os peixes, e vai deixando claro que nada disso deve passar por qualquer tipo de letra maiúscula.

VII

Transfazer a natureza, essa é a proposta de Manoel de Barros, e aqui não passa por nenhum campo do vulgar, do que não pode ser dito. Sua ideia é ampliar o mundo, a linguagem, as palavras e inventar a menor poética da natureza.



Nome: Transfazer. Imagem: Maria dos Remédios de Brito

Bernardo é esse que vaga, que recolhe o nada, que está despreocupado com o tempo, é um habitante do mundo, que percorre uma vida da inutilidade, experimenta ser livre e o seu universo é de *lata*. É um ser merecedor das águas, das pedras, mora em uma cabana na beira do rio, onde tudo vai, tudo passa, tudo se transforma. Ali, as coisas, a natureza, são dadas a transfiguração contínua.

Esse personagem poético que atravessa as preocupações criativas de Manoel de Barros tem uma oficina, e os objetos fabricados são transfigurados, deformados, transinventados, transmultiplicados. Por exemplo, duas aranhas têm olhos de estame, há beija flor de rodas vermelhas, existe um imitador de auroras, há peneiras para guardar água... Bernardo tem uma oficina de desfazer objetos.

1. Prego que farfalha
2. Uma pua de mandioca
3. O fazer de amanhecer
4. O martelo de pregar água
5. Guindaste de levantar vento
6. O ferro de engomar gelo
7. O parafuso de veludo
8. Alarme para o silêncio
9. Presilha de prender silêncio
10. Formiga frondosa com olhar de árvore
11. Alicate cremoso
12. Peneira de carregar água
13. Besouro de Olhar ajoelhado
14. A água viciada em mar
15. Roleta para mover o sol

(BARROS, M. 2011, sem página)

Bernardo da Mata é esse ser que escuta todas as vozes menores da natureza e as multiplica, dando singularidades. Fala com os grilos, escuta a voz do silêncio, ouve o perfume das rosas, a natureza se humaniza de todas as formas, tendo ele um gosto profundo pelas águas... O que faz Bernardo ser esse guardador das águas? É possível várias interpretações, ficarei com a ideia de que a vida tem sua germinação nas águas, assim como a imagem poética que tudo se transforma, o vai e vem das águas, nada permanece do mesmo jeito, sendo possível o próprio personagem se transfigurar no contato com tantos seres diversos, ele mesmo sofre devires animais, devires natureza, devires água. O personagem é alguém que não pretende a territorialidade fixa, mesmo tendo nome dado pelo social. Ele mais parece todos os nomes daquilo que cria e inventa em volta de sua existência. Seus movimentos não estão ligados só a seus deslocamentos; Bernardo se torna um sujeito dado ao nomadismo mesmo parado. Ele é uma máquina errante, uma máquina de guerra, que entra pela burocracia, pelos academicismos, pelas gramáticas normativas, pelos códigos disciplinares, e faz explodir tudo, tendo como ferramenta o pensamento e a imaginação. Essa ferramenta é muito poderosa, fazendo desorganizar tudo o que parece estar no devido lugar. Ora, mas será que existe alguma coisa no lugar?

VIII



Nome: rã. Imagem: Maria dos Remédios de Brito

Toda essa linguagem das rãs faz gaguejar a palavra, a escrita, o verbo... Mas não só isso, faz gaguejar a natureza, e vai experimentando outro corpo, criando seres, alfabetos... Toda uma potência heterogênea vibra. Essa poética prolifera e contagia a existência de Bernardo da Mata, que interage com as pedras, com o vento, com as borboletas e a infância vão sendo tomadas como uma ontologia da natureza, como se Bernardo da Mata entrasse em devires imperceptíveis a partir de n'as maneiras...

Um dia ele nos contou que assistia a estreia do arrebol!

Estreia do arrebol!

A gente engoliu essa!

Entretanto a gente via em Bernardo um visionário nas origens da terra. Havia em seu olhar uma candura das águas...

(BARROS, M. 2011, sem página)

Todo o canto poético desse personagem de Manoel Barros é para afirmar a potência de uma natureza de enguia, que traz para a terra um novo povo, um povo de *lata* rodeado pelas existências mínimas que existem sem pedir direitos, elas existem. Esse povo escuta todo tipo de ruído e silêncio, formando um tipo chegado ao passarinho, ao vento, ao sol, à pedra, à chuva, à água, ao mato, à árvore, ao ninho, à lua, à abrolhos, ao mar, ao tronco, ao limo, ao chão, ao parque, ao quarto, à gavetas, aos gravetos, à lagartixa, ao sapo, às borboletas...

A maquinaria de fazer natureza entra em variação e faz caminhos, agenciando todos os seres do mundo, e aqueles que são inventados por Bernardo, pois inventar é a maior verdade do mundo. As palavras são encantadas pela delicadeza séria de fazer criações, na qual a natureza salta por todos os lugares, atravessando muros, madeiras, pedras, e arrasta a linguagem para uma vibração monstruosa, liberando forças, potências poderosas, vestidas e transfiguradas de todas as existências, mesmo aquelas consideradas impossíveis.

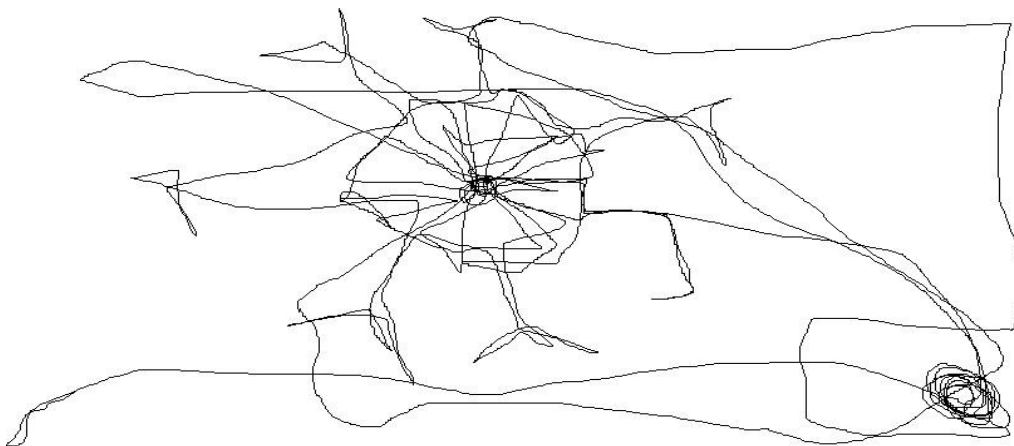
Essas criações não desejam dizer nada aos chamados grandes saberes. Bernardo da Mata não quer tomar os órgãos dos animais para obter um saber, os órgãos são tomados para serem desfeitos, pois a ciência pode classificar, mas o tipo de *lata* sabe que encantos não se classificam. A ciência pode calcular, quantificar, mas os encantos do sabiá, por exemplo, não se quantificam, pois quem quantifica perde o fio dos encantos desse passarinho.

As pequenas existências são seres fundamentais para Bernardo da Mata. A formiga é muito mais importante do que a construção de uma hidrelétrica na Amazônia, pois aquele ser pertence à natureza com toda sua exuberância incalculável para a vida na Terra. Ademais esse ser não mata o rio, não desloca povos indígenas, não polui a terra, as plantas, não cria favelas, bolsões de miséria. A formiga cria toda uma sociedade para sua sobrevivência na natureza que poderia ensinar o animal humano, caso este tivesse um olhar para ela.

IX

Todas essas coisas esquecidas são ligações para a emergência de um cosmo que não pode ser debatido, ele simplesmente existe pela proteção do abandono, pois o abandonado deve ser protegido. O debate, os colóquios, os seminários, os congressos, nada disso interessa a Manoel de Barros, assim como para Deleuze. Com isso, é possível dizer que há todo um pensamento do *orgulho ao abandono*, na poética do Manoel de Barros, pelos pregos desprezados, pelas latas jogadas no lixo, pelas borboletas, pois são as coisas sem luxo que dão ao mundo, à natureza, à Terra, os milagres criativos e o espaço para o silêncio e para a solidão. Prego, por exemplo, é algo indiscutível.

X



Nome: Aranha: Imagem: Maria dos Remédios de Brito

Tudo o que não é inventado, para Manoel de Barros, é falso, sendo somente a poesia verdadeira. Conceituar é parar e nomear as coisas, é retirar os brilhos, por isso ele prefere ser lido pelas pedras do que pelos sábios; os sábios complicam muito. Manoel de Barros é interessado pela expressão, pela palavra escondida, pelo verbo alargado, pela gramática que gagueja, pois a linguagem é desarrumada a ponto do desejo estar na ponta da língua. Então, “melhor para chegar a nada é descobrir a verdade” (BARROS, M. 2001, p. 70).

XI

Entre Deleuze e Manoel de Barros há somente o meio, um meio que não diz nenhum e nem outro, mas que permite, acima de tudo, que um outro apareça sem rosto... Mas rosto se cria, do mesmo modo que ele sempre é desfeito, pois em um rosto não se chega. Quem chegou a fazer o rosto?

Nota de esclarecimento

Este ensaio é fruto de um encontro com Manoel de Barros. As referências foram apresentadas por meus orientandos de pós-graduação da Universidade Federal do Pará, que em seus trabalhos compareciam com citações da poética de Barros. Aos poucos fui levada para

algumas de suas obras na tentativa de conversar com os textos apresentados para mim. Encantada, fiquei! Sendo um encontro, digo: são captura, roubo, deformações, desastres. Encontrei Deleuze, e roubei Deleuze. Encontrei Manoel de Barros, e o roubei também. Com eles fui inspirada a partir das obras *Diferença e Repetição*, *O que é a Filosofia? Diálogos*, *Mil Platôs*, *A gramática do Nada*, *Escritos em verbal de ave*, *livro sobre o nada...* Alguns comentadores estiveram pelo caminho. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento* de François Zourabichvili, *As existências mínimas* de David Lapoujade, *Deleuze e os movimentos aberrantes* de David Lapoujade... Risos e de brincadeiras estão aqui, mais do que um pensamento do julgamento.

Referências

- BARROS, Manoel de. *Retrato de artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. *O guardador de águas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.
- _____. *A gramática expositiva do chão*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1999.
- _____. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record. 2001.
- _____. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. *O livro da ignoranças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- _____. *Escritos em verbal de ave*. São Paulo: Leya, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. *Diálogos*. Trad. José Gabriel Cunha. Lisboa: Ed. Relígi d'água.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- LAPOUJADE, David. *Deleuze e os movimentos aberrantes*. São Paulo: N-1 edições, 2015.
- _____. *As existências mínimas*. São Paulo: N-1 edições, 2017.
- ZOURAVICHVILI, François. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. Trad. Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016.